

Documenta

O Centro de Estudos Clássicos (CEC) de Brasília. Entrevista com Ordep Serra. Parte II: O cotidiano do CEC¹

Ordep Serra

Universidade Federal da Bahia Para mais informações sobre o escritor, tradutor, classicista e pesquisador Ordep Serra, veja <https://ordepserra.wordpress.com/>.

Resumo

Segunda parte de uma série de três entrevistas com Ordep Serra a respeito do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Brasília (CEC-UnB). Nesta entrevista são apresentados fatos do cotidiano e organização do CEC.

Palavras-chave: Centro de Estudos Clássicos, Universidade de Brasília, Eudoro de Sousa.¹

Abstract

Second part of a series of three interviews with Ordep Serra about the Center for Classical Studies at the University of Brasília (CEC-UnB). In this interview, facts about the daily life and organization of the CEC are presented.

Keywords: Center for Classical Studies, University of Brasília, Eudoro de Sousa.

¹ Entrevista realizada em 2/3/2021 via plataforma Zoom, Ordep Serra em Salvador, e Marcus Mota em Brasília. A entrevista é parte integrante das fontes para a pesquisa “Tradição e Interdisciplinaridade: Memórias do CEC-UnB”, possibilitada pelo edital Ceam 001/2020. As siglas: **MM**= Marcus Mota; **OS**= Ordep Serra. Os diálogos/entrevistas, em número de três, foram realizados por Marcus Mota, e transcritos pela pesquisadora Mariana L. Belchior (PPG Metafísica-UnB). Posteriormente, este material transcrito foi revisado, editado, para esta publicação, com a inserção de notas explicativas. Link da entrevista: <https://youtu.be/D8OWITGKIkC>

*Inicia-se a entrevista com o compartilhamento com Ordep da pesquisa que Marcus Mota fez sobre as atividades do Eudoro em Santa Catarina, registradas em jornais da época². Ressalta-se que Eudoro residiu e trabalhou em Santa Catarina (sendo um dos fundadores do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) junto de Agostinho da Silva), antes de ir para Brasília. As atividades na UFSC são o embrião do CEC. Através do mapeamento em meio das Hemerotecas Virtuais, com ênfase em jornais como o *Correio Braziliense* (em Brasília) e *O Estado* (em Santa Catarina), temos uma cronologia dessas atividades, conforme quadro abaixo:*

DATA	ATIVIDADE
09/1955	Três palestras sobre “Origens da Filosofia Grega ³ ”
06/1956	Arqueologia grega ⁴
06/1958	Palestra “Situação da Arqueologia no quadro geral da história de da filosofia da cultura (a arqueologia como extensão de cultura) ⁵ ”
06/1958	Palestra sobre arqueologia do antigo Egito, dentro dos cursos de Arqueologia e História da Arte do Museu de Arte Moderna ⁶ .
10/1958	Curso ‘Filosofia da Arte’ . Aula 1: O que se entende por filosofia da arte; A categoria do belo e suas faculdades senso-emotivas. Aula 2: “Imitação”, “Criação” ou “Imitação Clássica”? (A tese clássica, a antítese Romântica e uma síntese proposta). Aula 3: Poesia e Simbólica; O problema da interpretação. Aula 4: Poesia e simbólica; Conclusão: A essência da arte e o mito de Orfeu ⁷ .
07/1959	Conferência “Bergson e a filosofia da arte”, dentro do ciclo de conferência em torno dos 100 anos de Bergson ⁸ .
10/1961	Fundamento da Estética Moderna. Três Aulas ⁹ .

2 Esses dados fazem parte da apresentação à edição do curso “A Tragédia Grega”, elaborado e ministrado por Eudoro de Sousa no CEC-UnB. Os materiais desse curso foram editados em forma de livro a ser publicado pela Editora UnB, por ocasião dos 60 anos da Universidade de Brasília e do CEC-UnB.

3 *O Estado* (SC) 17-09-1955. Neste ano publica “Escrita Cretense, Língua Micênica e Grego Homérico” e “Variações sobre o Tema do Ouro” pela Faculdade Catarinense de Filosofia.

4 *O Estado* (SC), 17-06-1956.

5 *O Estado* (SC), 25-06-1958. Neste ano profere a aula inaugural dos cursos de Filosofia, sob o título “Relações pré-históricas e proto-históricas entre a Grécia e o Oriente à luz das últimas descobertas arqueológicas”. V. SOUSA, 1958.

6 *O Estado* (SC), 10-06-1958.

7 *O Estado* (SC), 28-10-1958.

8 *O Estado* (SC), 31-07-1959.

9 *O Estado* (SC), 12-07-1961.

Segundo esta cronologia, três questões presentes em Santa Catarina vão retornar em Brasília: princípios da filosofia grega (com a tradução dos pré-socráticos anteriormente em SP) arqueologia e a questão estética.

MM: Quando eu mapeei esses cursos em Santa Catarina, antes de Eudoro vir pra Brasília, cursos ministrados entre 1955 até 1961, eu acho que ali o embrião do CEC estava se formando. Quando ele vem pra Brasília com 50 e poucos anos ele já sabe o que quer, e ele monta o CEC. O encontro de hoje é a formação do CEC, e hoje, neste encontro, vamos nos aprofundar nas questões do cotidiano do CEC.

OS: Eu participei depois da morte de Eudoro também de uma filmagem e seminário em Santa Catarina. Estive em duas situações em Santa Catarina, participando de um material sobre ele - me entrevistaram, fizeram um vídeo. Deve haver em Santa Catarina o registro deste material.

MM: Ah! Eu não conheço esse material. Foi feito lá em Santa Catarina?

OS: Sim, lá em Santa Catarina. Me convidaram, mas tem muito tempo. Me convidaram, eu fui, falei sobre Eudoro. Tinha um bom público, pessoas de lá também falaram sobre Eudoro e sua atuação em Santa Catarina. Havia uns dois camaradas de Brasília que me entrevistaram, fizeram um documentário sobre Eudoro¹⁰. Teve esta homenagem para ele com recordação do pessoal de Santa Catarina. Agora sobre o período em Santa Catarina, o ideal seria encontrar o João Evangelista. O João Evangelista travava relações com Eudoro - ele era professor de História da Arte junto com a Dinah, e Eudoro levou os dois para Brasília e os integrou ao Centro.

MM: Eu vou ver isso então¹¹...

OS: Se achar o João Evangelista, ele deve estar bem velho, pois era mais velho do que eu, mas tomara que esteja vivo e lúcido. Ai ele pode dar mais dicas¹².

MM: Vou interromper essa imagem e colocar outra para nos guiar.

10 Trata-se do trabalho de Reginaldo Gontijo e Luiz Fernando Suffiati. Inicialmente vídeo de fim de curso, depois foi ampliado em 2012 para o filme “Eudoro e o logos Heráclito”. V. <https://eudorodesouza.wixsite.com/e-o-logos-heraclito>. Trata-se de o único documento audiovisual com sons e imagens em movimento de Eudoro de Sousa.

11 A investigação sobre o trabalho de Eudoro em Santa Catarina e suas ressonâncias ainda está por se fazer.

12 Prof. João Evangelista Andrade filho Faleceu em 11/04/2021.

1962- {Abertura do CEC, fundação da UnB}.

1963

1964- {Chegada de Ordep a Brasília}

1965

1966

1967

1968

1969 {Fechamento do CEC}

Então, Você chega em 64?

OS: Sim

MM: O fechamento oficial do CEC é 69?

OS: Sim, 69. Ai Eudoro passa a ensinar no Instituto de Ciências Humanas, integrando o Departamento de História. Em 69 o CEC foi definitivamente extinto.

MM: Desses 64 a 69, você pega a passagem do barracão para reitoria?

OS: Sim.

MM: Então o CEC funciona em 64,65,66,68 e 69. É autorizado a ter mestrado e doutorado no próprio CEC?

OS: Em 69 eu sou desligado da universidade, pois eu já me formei. Me formei muito rapidamente, em 67 eu já estava formado. Em 68 eu já era instrutor, mas tivemos as matrículas e bolsas canceladas. Eu continuei em Brasília durante o ano de 69 fazendo uns bicos, mas em 70 eu já volto pra Salvador. Fico um bom tempo até voltar pra Brasília para fazer Antropologia¹³. Meu último contato com Eudoro. Depois acabei voltando pra cá{i.e. Salvador}

MM: Esse período de 64 antes do fechamento em 69 que você se forma em Letras, você frequenta o Centro, como era o cotidiano, para as pessoas entenderem? O Centro além de ter a biblioteca, as salas de estudos, ele também é capacitado para ter mestrado e doutorado?

OS: Quando eu chego, ele já havia mestrandos. Aliás, o Xavier já tinha conclu-

13 Mestrado em Antropologia entre 1977 e 1979, sob o título “Na Trilha das Crianças: Os Erês num Terreiro Angola.” Orientador: Roque de Barros Laraia.

ído o mestrado dele e Gramacho também. Já havia dois mestres formados quando eu cheguei. Eu entro na graduação, depois concluo a graduação e me torno instrutor. Antes disso eu era monitor, logo no começo de 65, ensinava grego, dava aulas de grego.

MM: As aulas não eram ministradas no CEC, elas eram salas de aulas no campus?

OS: É, elas aconteciam nos cursos. As aulas de gregos eram no Instituto de Letras. As aulas naquele tempo funcionavam em um prédio chamado FE1, alguma coisa assim, tinha uma sigla engraçada; ficava logo na entrada perto da Asa Norte. Em 65 eu era monitor. Eudoro iniciava a aula de grego, dava a primeira aula e depois eu tocava em frente. Eudoro não gostava de dar aula de grego básico. Ele só voltou a dar depois do fechamento do Centro. Eu já estava desligado da universidade. A professora Maria Luiza Roque também estava desligada do CEC, então ele voltou a assumir. Mas, em 65, ele já me passava o curso.

MM: De quantos semestres era o curso?

OS: Eram dois semestres para o curso de Letras. Eu dei aulas também para uma turma de Humanas, e, como lhe contei, quando era instrutor, tive uma turma bem grande do pessoal de Ciência da Saúde, da Medicina. Eudoro fez umas duas ou três conferências pra essa turma grande. Agostinho também fez; eu pedia a eles que fizessem algumas conferências; Emanuel foi também. Agostinho brincava que eu estava fazendo a extensão para os médicos, porque eu colocava o pessoal pra fazer essas conferências aí.

MM: As aulas eram de manhã ou à tarde, as de grego?

OS: Geralmente eram de manhã, e às vezes bem cedo: as aulas começavam nessa época às sete da manhã. Primeiro dependia também dos arranjos de horário. mas eu me lembro de aula sete da manhã.

MM: Então havia as conferências e os seminários.

OS: Tinha, tinha sempre: as aulas que ele dava que não eram somente no Instituto de Letras, mas também no Instituto Central em Ciências Humanas. Um dia ele ensinou História do Livro. E às vezes até pro pessoal da Matemática. Então as aulas em diferentes lugares, e tinha os despachos que ele dava normalmente no CEC. Ele ficava entre o CEC e o campus, ele não saía do campus: ia da Colina, do seu apartamento da Colina em que ele morava pro CEC, ele saía para dar as aulas e voltava e ficava lá despachando como coordenador e fazia orientação dos alunos dele, e os seminários, famosos seminários do CEC,

que eram muito frequentados também.

MM: Os seminários eram à noite?

OS: Eles acabaram sendo geralmente de tarde. À noite eram as palestras dele. Uma palestra a noite às vezes no Dois Candangos, quando era solicitado a exemplo de algumas palestras. Emanuel também deu essas palestras.

MM: Então temos os cursos, os seminários, as orientações e as palestras.

OS: Todas essas atividades... a orientação era meio assim no CEC, eu posso dizer “ao capricho”, não tinha regularidade: se você tinha uma dúvida podia procurar Eudoro ou mesmo ele vinha conversar com a gente... conversava comigo, com o Suetônio... E então nos dava coisas para ler e conversava um pouco de filosofia. Isso acontecia no CEC. Às vezes a gente ele ia com para um barzinho, aqui embaixo onde ficava a chamada OCA, tomar uma cerveja no fim do dia¹⁴. Eu já sabia que ele tava por lá quando eu queria saber de alguma coisa. Eu ia conversar com ele lá tomando uma cerveja com os amigos, uns dois ou três amigos que ele tinha. E aí as conversas também não era muito demoradas, e eu não tinha a mesma resistência que ele à cerveja.

MM: Ele era bom de cerveja?

OS: Cerveja, uísque. Mas é isso aí.

MM: E pessoas de fora da UnB elas vinham?

OS: Elas vinham nas palestras. Por exemplo, um curso que ele deu para o pessoal de teatro. Houve uma tentativa de implantar o curso de teatro naquela época, ainda na UnB. Foi um camarada da Bahia, Petrovich, Carlos Petrovich, que veio da Bahia e começou a iniciar um curso de teatro, montou peças até com os alunos, algumas peças apresentadas por Eudoro¹⁵. Eudoro deu muitas palestras nessa coisa lá nos Dois Candangos, algumas palestras sobre Sófocles, sobre Eurípidas. E aí apareciam pessoas de fora da Universidade.

14 Pavilhões de madeira (OCA I e II). Primeiros prédios da UnB, onde fica hoje a segurança do campus. V. <https://www.youtube.com/watch?v=e0lilsm0ucl>. Acesso 20 02 2022. Continham salas de aula, restaurantes, e a administração.

15 Sobre o ator, diretor e pedagogo Carlos Roberto Petrovich (1936-2005), v. FERRAZ 2006. Segundo CASTELLO BRANCO 2016, p. 2 “a primeira companhia profissional de teatro montada na Capital, fundada por Carlos Petrovich, assessor de teatro da UnB, que montou apenas uma peça teatral. O espetáculo foi *O Caminho da Cruz*, de Henry Ghéon, levada no auditório da TV Brasília, Canal 6.” Depois de sua aventura em Brasília, Carlos Petrovich retorna à Salvador e desenvolve atividades artísticas e de gestão cultural.

MM: Foi em 67 que veio o Petrovich?

OS: 67 por aí, essa tentativa. O CEC abria às 8 horas da manhã. Às 12 horas interrompia pro horário do almoço, coisa de 1:00 ou 2:00 e já se reabria, e ficava até às 18 horas. E alguns, eu comecei esse hábito, começaram a ir à noite. Eu gostava de ir pro CEC de noite e ficava lá lendo e estudando. O Fernando Bastos também pegou esse hábito. O Emanuel às vezes aparecia também. O CEC não tinha muito frequentador noturno, mas às vezes iam alguns instrutores. Eu mesmo desde o tempo em que era monitor eu frequentava o CEC sempre à noite.

MM: O Eudoro onde ficava lá na Reitoria tinha a biblioteca, tinha as mesas de estudo – havia uma divisão para o Eudoro ficar num lugar separado para ele trabalhar?

OS: Não, {as divisões} eram feitas na verdade com as próprios estantes. Ele tinha uma mesa, tinha lá as estantes, algum mapas e tudo, e ele ficava refugiado, não?! Ele ficava bem perto da Pauli, ali perto dos livros dele mesmo¹⁶. Então tinha esse espécie de nicho, e a gente, cada instrutor tinha um nicho também formado da mesma maneira, entende, e tinha uma saleta menor onde os monitores ficavam - Suetônio e eu -, depois teve um menino chamado Hans que não durou muito. É isso aí, a gente ficava nessas saletas onde a gente estudava, passava o tempo quase todo. A gente tinha bibliotecárias, tinha várias, datilógrafo e tinha os arquivos onde se conservava muita coisa de iconografia, imagem da iconografia clássica, os arquivos, as famosas libitinas, que eram as máquina de leitura de microfilmes¹⁷. Eu botei esse apelido de libitina, Eudoro se divertia. Eu dizia, “é vamos ver a libitina”. Ele adotou a coisa.

MM: Ele, lá no lugarzinho onde ele ficava, não só despachava burocraticamente mas também ficava lendo, escrevendo textos?

OS: Ele ficava escrevendo. Ele escrevia muito, às vezes me mostrava os escritos. Eu tive o privilégio de ler muita coisa em primeira mão de Eudoro. Olha só, para mim todos aqueles artigos do Correio Braziliense, de *Dioniso em Creta* eu fui o primeiro leitor¹⁸. Tinha muita proximidade comigo e tínhamos uma relação muito próxima, amistosa e confiável. Ele me passava para ler os artigos que seriam publicados e depois reuniu e formou o *Dioniso em Creta*. E de *Horizonte e complementariedade* também fui o primeiro leitor¹⁹.

16 Trata-se da *Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*, enciclopédia alemão sobre estudos clássicos que em sua primeira fase, até 1978, publicou 83 títulos entre suplementos e fascículos em ordem alfabética.

17 Libitina era a deusa latina dos cadáveres e funerais.

18 Para um levantamento das publicações de Eudoro, v. LÓIA, 2019.

19 Eudoro sempre teve o hábito desde Portugal de colaborar em jornais e revistas. Estes textos eram reescritos, ampliados, republicados e muitas vezes viravam livros, como *Dioniso em Creta*,

MM: Agora, vou comentar esse assunto que é bem interessante - é uma coisa que só você para contar mesmo, você, que além de testemunha, foi participante. O Eudoro, eu fiz uma pesquisa quando fui para Portugal, eu fui na Biblioteca Nacional de Lisboa, e vi os materiais que ele publicava, os artigos em jornais lá, esse hábito dele, de escrever para jornais, para a revistas. Ele já tinha isso desde Portugal e trouxe para cá. Aqui ele escrevia no *Correio Braziliense*. E muito desses materiais que ele escreveu lá {em Lisboa}, reescreveu aqui, e depois ele reescreveu novamente para transformar em livro...Então ele fazia uma reciclagem de si mesmo, e o único texto que não é essa coisa do jornal que depois se transforma dos artigos em um livro que é uma coletânea, o único texto que não é coletânea é o *Horizonte e Complementariedade*, que é uma tese do começo ao fim. Eu acho que é o único livro dele que tem uma cara de tese. Se ele pudesse ter defendido uma tese, já que ele {em vida} não defendeu nenhuma tese, esse livro é uma tese, ou seja, é um livro que tem começo, desenvolvimento e está tudo interligado.

OS: Já tinha ensaio dele e que veio junto com a tradução que ele fez da “Arte poética e retórica”, bem mais antigo do que quando ele chega a Brasília já publicado em Portugal.

MM: Eu peguei a primeira edição.

OS: Aqui tem no Brasil, então ele já era famoso por esse estudo. *Horizonte e Complementariedade* ele escreve em Brasília, e no momento da plena maturidade dele em que o pensamento dele já tá mais avançado. E eu assisti praticamente a produção desse *Horizonte e complementariedade*. A gente conversava muito, ele me falava muito a respeito do que estava fazendo. E foi depois do famoso curso sobre *Catábases* que ele começa a escrever o *Horizonte e Complementariedade*. Existe uma certa ligação com o material do curso sobre *Catábases*.

MM: Tem, e principalmente na primeira parte...

OS: Como eu contei lá naquele seminário que você me chamou em Brasília, o *Horizonte e Complementariedade* ele começa do meio²⁰.

publicado em 1973.

20 Trata-se do Seminário Internacional Eudoro de Sousa: Estudos de Cultura entre a U. Brasília e a U. Porto, que se deu na Universidade de Brasília nos dias 17 e 18 de junho de 2019. Para os anais do evento, v. link https://www.academia.edu/39217838/SEMIN%C3%81RIO_INTERNACIONAL_EUDORO_DE_SOUSA_UNIVERSIDADE_DE_BRAS%C3%8DLIA_17_18_DE_JULHO_DE_2019. Acesso 20 02 2022.

MM: Ele mesmo diz no prefácio, ele fala uma coisa do Parmênides.

OS: Sim, da interpretação do poema de Parmênides. Depois é que ele fez o princípio, eu me lembro bem disso.

MM: Interessante que esse livro ele só é publicado em 75, então nessa época que você tá ali que ele te coloca isso que você tá, entre 64 – 68, ele começa a escrever esse curso em 65...

OS: Eu acho que talvez 66. Agora ele vinha amadurecendo essas ideias. Ele parte para isso depois do famoso curso sobre *Catábases*, que ele começa a redação do *Horizonte e complementariedade*. Era uma ideia que ele tinha. Eu já era instrutor, e como te disse eu fui o primeiro leitor. Eu li o livro acabado, e então eu fiz uma resenha para o *Anuário Antropológico* e fiz a crítica, que ele publicou naquele *Sempre o mesmo acerca do mesmo*, foi a nossa discussão aí²¹.

MM: Essa discussão célebre... Mas a sua crítica, você elaborou isso só depois ou quando ele te mostrou lá na década de 60? Ele te mostrou o livro e vocês discutiam²²?

OS: Olha, eu acompanhei um pouco a evolução do livro, a crítica eu fiz depois do livro já pronto, acabado quando eu peguei em um seminário sobre o livro. Ele fez um seminário sobre o livro e eu participei, acho que o Ronaldo participou também, tinha um punhado de pessoas mais próximas dele que participou.

MM: Mas esse seminário já é na década de 70 quando você voltou da Bahia para fazer o mestrado em Antropologia...

OS: Então é nessa altura que eu faço a crítica do livro. Já fiz a resenha a essa altura, fiz uma crítica e participei do seminário onde discutimos o assunto do seminário e foi muito divertido.

21 O artigo é questão é À margem do horizonte: Um helenista e a Antropologia. *Anuário Antropológico*, n. 2.1, p. 189-200, 1978. Link: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6020/7894>. Acesso 20 02 2022. O livro *Sempre o mesmo...* foi publicado pela Editora da UnB em 1978.

22 O livro *Sempre o mesmo acerca do mesmo* (1978) é uma reunião de textos a partir de seminários ministrados por Eudoro para “ex-alunos, discípulos e colegas”, como ele afirma no prefácio. Seguem-se dois questionários de Ordep Serra e as respostas de Eudoro. Após essa sequência inicial, temos rapsódias que transitam ente documentos da antiguidade e investigações modernas a partir de culturas primitivas, em um esforço comparativo entre mitos e ritos de diversas historicidades e geografias. Há a retomada de reflexões e pesquisas expostas em *Dioniso em Creta e outros ensaios* (1973) e *Horizonte e Complementariedade* (1975), e que vão culminar em *Mitologia* (1980).

MM: Ele incorpora o teu questionário...

OS: Incorpora e escreve *Sempre o mesmo acerca do mesmo*. Incorpora o meu questionário, tudo. É um pouco o resultado da discussão nesse seminário

MM: Ah entendi

OS: Eu apresentei, eu fiz aquele questionário e apresentei no seminário, conversamos muito.

MM: Foi um interlocutor dele...

OS: Sim, interlocutor desde bem antes, desde o tempo em que ele tava fazendo os artigos do *Dionísio em Creta*...

MM: Nessa época, durante o CEC, ser o interlocutor do Eudoro, você foi interlocutor e quando tinha os seminários, a gente que não viveu essa época, a gente pensa que era assim, que era o Eudoro falando e as pessoas ouvindo. Mas existiam as trocas, as perguntas...

OS: Muita troca, muita pergunta. O seminário na concepção da palavra mesmo...tinha tempo para discussão e, às vezes, tinha colaboração. Por exemplo: no seminário sobre “Das Ding”, de Heidegger, ele trabalhou com uma tradução feita pelo Xavier Carneiro, mas a alterou um pouquinho em alguns pontos²³. Foi mais na direção do pensamento dele mesmo. Pois é o trabalho de tradução que foi usada era do Xavier...Teve muita gente nesse seminário sobre o “Das Ding” e muita gente da Universidade participou, pessoal de dentro do CEC, e foi um seminário bonito e longo sobre Heidegger. Tivemos seminários sobre Bergson, Collingwood, Dante, Fernando Pessoa... Eram seminários não só sobre temas clássicos.

MM: O de Collinwood foi ele quem ministrou?

OS: Foi ele quem dirigiu todos os seminários, mas tinha a ampla participação de todos os instrutores, principalmente, e do pessoal que ia colocar uma coisa em discussão. Acho que ele fez também um desses seminários sobre Heráclito e foi muito interessante, com muita discussão. Acho que foi nesse tempo que ele começou a ficar cada vez mais ligado ao pensamento de Heráclito.

23 “Das Ding”, ou “A Coisa” é o célebre texto de uma palestra de Martin Heidegger apresentada pela primeira vez na Bayerischen Akademie der Schönen Künste em 1950. O texto, publicado um ano depois, integra o volume 7 de suas obras completas (p.163-181). No contexto do CEC-UnB, após sua discussão, foi publicado no livro *Mitologia*, em 1980.

MM: E em termos de planejamento... Ele começava o ano, ele reunia os instrutores, monitores e falava: “esse semestre nós vamos fazer isso...”, “esse ano a gente vai fazer isso”

OS: Os seminários não eram planejados: era um pouco ao sabor do que ele vinha pensando, do que ele achava que era necessário para fazer a gente entender. Não esse tinha planejamento todo não ... Era meio surpreendente e tinha surpresa quando havia a convocação de um seminário. Ele não fazia plano.

MM: E daí os alunos e os monitores tinham que rapidamente produzir o material que ele solicitava.

OS: É. Para o curso da “Catábase” muita gente trabalhou, como lhe disse: eu traduzi o canto sexto da Eneida, o Xavier traduziu a “Nékuia”, o canto 11 da Odisséia. E eu também traduzi algumas coisas do “Ancient Near Eastern Texts”, textos de catábases, o Xavier traduziu o artigo “Katabasis” do Pauly-Wissowa. Cada um tinha uma ocupação²⁴.

MM: Essa produção desses materiais também é uma forma de estudo?

OS: Sim. E ele com isso preparava apostilas que eram distribuídas aos alunos durante o curso. E ele acrescentava seus comentários, as reflexões que ele fazia.

MM: Ele escrevia à mão e daí ele dava para alguém datilografar - esse era o método? Ele não escrevia direto na máquina.

OS: Não, não escrevia direto na máquina, era sempre à mão. Quando eu comecei a me interessar pelo que seria assunto da minha tese, “os mistérios de Elêusis”, ele me deu uns cartões, assim retangulares não muito grandes, muita coisa que ele escreveu, muitos fragmentos que ele tinha catado a propósito de Elêusis, dos ritos eleusinos.

MM: Aquelas fichas...

OS: Ele fazia aquelas fichas, sem pauta, uns retângulos assim maiores do que são uma ficha comum, escrevia em grego, ele transcrevia em grego os fragmen-

²⁴ Referência à obra de Homero; à coletânea de traduções *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, organizada por James Bennett Pritchard e conhecida por ANET; ao longo artigo “Katabasis”, publicado por pelo classicista polonês *Ryszard Gansiniec*, também grafado como Richard Ganschinietz, e publicado na referida enciclopédia dirigida por Pauly-Wissowa, em 1909 (RE 10.2, p. 2359-2449).

tos que ele ia catando. Hoje gente faz isso com muito mais comodidade no computador...

MM: Cópia e cola, né?

OS: É, ele pegava e organizava aquilo, punha nos fichários dele.

MM: Ele tinha um fichário dessas citações... Isso é bem europeu²⁵.

OS: Ele tinha um fichário muito rico dessas citações, não sei onde foi parar isso.

MM: Não sabemos onde foi parar isso.

OS: Não tenho ideia de onde foi parar. É capaz que tenham jogado fora, como jogaram tanta coisa. O Bruno Borges catou no lixo livros importantes dele, como o livro do Walter Otto com as anotações na margem de Eudoro, e me deu de presente, ele que me deu depois de ter pego no lixo²⁶. Então muita coisa foi pro lixo, a biblioteca se livrou daquilo, que achava que era inútil²⁷.

MM: Que achavam que era velho?

OS: Tinha muita coisa importante, preciosa. Tanto que quando eu visitei o lugar onde ficava o material da antiga biblioteca, onde colocaram o material do CEC e fiquei impressionado, é muito pouco. Muito pouca coisa sobrou. A biblioteca não está ali não

MM: Eles distribuíram...muitos eles distribuíram para o acervo geral e muitos foram roubados.

OS: Jogaram no lixo, foram roubados, foram retirados também por Eudoro, os

25 Lembrar das histórias em ECO 2020.

26 Sobre essa história, v. BORGES 2015.

27 Esclarecendo: O CEC ao longo de sua existência constituiu um acervo composto pela biblioteca pessoal de Eudoro e aquisições de livros e revistas realizadas pela Universidade. Esse material ficava na sala do CEC na reitoria. Havia tensões internas relativas a essa realidade: de um lado estava o projeto unificado da Biblioteca Central, que, como o nome indica, centralizava materiais bibliográficos de todo o campus, evitando que existissem bibliotecas setoriais espalhadas pelos Institutos. Assim, de um lado estavam as especificidades do CEC e de outro as intenções da Biblioteca Central. Com o fechamento do CEC, destinou-se uma sala no subsolo da Biblioteca Central para o acervo do CEC, mas muitos de seus livros relacionados a literatura e história foram distribuídos em outras “estantes”. Logo, o que antes estava concentrado em um único espaço foi espalhado, destruindo a noção de integração e multidisciplinaridade que o CEC defendia.

livros que eram dele. Mesmo assim os remanescentes eu achei muito pouco. Tinha muitas revistas que o CEC assinava.

MM: As revistas elas foram lá para o setor de periódicos.

OS: Tinha um volume grande de livros que ocupavam uma sala muito grande. Era uma biblioteca extensa. Eu achei estranho. Tinha uma mapoteca rica também. Não sei onde foi parar. Deve tá lá na biblioteca em algum canto. Tinha os fichários com material iconográfico, a libitina não sei onde foi parar também.

MM: Como é que era esse fichário com o material iconográfico?

OS: Ele pegava as imagens às vezes de capas de livros ou de outras fotos, ordenava em pastas e punha num fichário. E aí a gente usava nas aulas que ele, por exemplo, dava no Instituto Central de Artes. Ele usava esse material, fotografava, projetava. E as coisas da pintura vascular. Tinha também muita coisa de escultura e tudo, que ele ia conseguindo de um jeito ou de outro.

MM: E essas anotações nos livros? Ou seja, o livro que você recebeu, ele escrevia ao lado algum comentário ou ele riscava?

OS: Ele escrevia do lado, às vezes sublinha, mas ele gosta mais de escrever à margem. Escrevia e fazia comentários interessantes. Bom, então é uma pena porque essas coisas são tão preciosas também, e muitas se perderam sem as anotações...

MM: São livros anotados, não é?

OS: É tinha muito livro anotado, tinha essas fichas, eram de um volume interessante. Também isso não tenho a menor ideia de onde foi parar. Alguma coisa Fernando Bastos conseguiu conservar, mas pouco, muito pouco. O Fernando se tornou mais próximo dele nessa fase final da vida de Eudoro. E acabou juntando alguma coisa do material dele²⁸.

MM: Ontem você me falou de uma aventura dele, da aventura da astronomia. Você falou que ia me contar hoje.

OS: É uma lembrança engraçada que eu tenho. Ele resolveu fazer um pequeno Observatório.

28 O material reunido por Fernando Bastos está hoje na Universidade Católica Portuguesa em Lisboa.

MM: Isso foi quando, 67 ou 68?

OS: Nessa altura 67, 68 anos ele resolveu fazer isso. Eu já era instrutor. Tinha um companheiro dele, que era irmão do professor Aryon Dall'Igna, não me lembro o nome da criatura, irmão do professor desse linguista famoso, e que também gostava de astronomia²⁹. Então, os dois começaram a montar esse Observatório com os recursos que tinham, não é, máquinas que conseguiram lá para montar esse Observatório. Um dia, eu tava lendo na minha sala no CEC e entra Eudoro às gargalhadas, acompanhado pelo companheiro dele, o parceiro das aventuras, que era a imagem da desolação... Me lembro até hoje, uma cena que ficou na minha memória, porque era um contraste muito grande - um todo acabrunhado assim e o Eudoro rindo às gargalhadas...

MM: Heráclito e Demócrito?

OS: Pois é... Eu perguntei o que houve. Ele me contou que eles estavam montando o observatório e, na hora de botar a última peça, o último parafuso, desabou tudo. Ele me disse "Nunca vi uma desgraça tão bem feita, uma calamidade tão perfeita uma coisa assim". E às gargalhadas.

MM: E era onde o observatório?

OS: Eu nem me lembro mais. Era pro lado da Colina, não sei. Eles estavam tentando fazer um observatório mas houve esse desastre.

MM: Então ele era um astrônomo amador

OS: Sim, um astrônomo amador, fez um relógio de sol...

MM: Como é que foi o relógio do Sol?

OS: Uns alunos que ele reuniu, interessados em astronomia e ele juntou um grupo desse pessoal. Eu não conhecia bem, eu não me interessava por isso... E aí, junto com eles, fez um relógio de sol que deve existir ainda no campus³⁰.

MM: Relógio de sol só olha só...

OS: Fez um relógio de sol, tentou montar um pequeno observatório. Acho que depois eles conseguiram fazer alguma coisa com o Observatório, parece que

29 Aryon Dall'Igna Rodrigues (1925-2014), pioneiro da fundação da UnB, como Eudoro, dedicou-se à pesquisa e sistematização dos estudos das línguas indígenas brasileiras. So

30 Informação a ser checada.

descobriram alguma coisa e ele ficou muito orgulhoso, mas isso aí eu não acompanhei bem.

MM: Eu li alguma notícia sobre isso, falando que causou uma certa polêmica, de uma certa ciúmeira, pois ele que não tinha formação para fazer isso, houve uma certa polêmica, e de usar dinheiro público. Houve uma certa polêmica eu me lembro³¹.

OS: É, mas ele uns alunos que o acompanhavam e tudo, não é, e ele não deu nenhum um prejuízo para com o dinheiro público. Você fazer um relógio de sol, você fez alguma coisa interessante é hoje eu acho . Tá lá até hoje, eu acho.

MM: Agora é interessante duas coisas que eu acho, que você fala, acho que é bem interessante que é o seguinte: primeiro essa curiosidade por vários campos; e ao mesmo tempo é a capacidade dele de atrair pessoas para esses projetos, para essas coisas e não são só intelectuais - tem ação.

OS: É os jovens. É verdade, ele tinha muita facilidade de contato com o pessoal mais jovem ...era bem interessante

MM: A relação dele com as pessoas mais jovens, não é.

OS: Ele recebia bem, mesmo tendo um temperamento bravo como o diacho.

MM: O Ronald me contava isso, que ele era...

OS: Ele era explosivo. Mas era uma contradição, pois, ao mesmo tempo em que ele tinha explosões com o pessoal que ele achava estúpido, que se metia no meio dos projetos e atrapalhava os projetos dele - e que não eram poucos -, ele era muito cordial e paciente com os mais jovens. Eu não tenho nenhuma queixa. Ele nunca teve essas explosões de temperamento comigo, mesmo tendo algumas explosões com alguns monitores e tudo...Mas tinha uma relação muito afetuosa comigo.

MM: As explosões eram mais relacionadas alguma delas o perguntas ou era mais essa questão...

OS: Ele xingava, ficava bravo, por exemplo, com o Edson Nery cara da biblioteca que queria acabar a biblioteca do CEC³².

31 Na verdade, foi Fernando Bastos quem me falou desse acontecimento. V. Anexo I, Ato da Reitoria n. 128 de 1967 que designa o professor Eudoro de Sousa responsável pelo equipamento do Observatório Astronômico da Universidade de Brasília. Atualmente, há na universidade o Observatório Astronômico Luiz Cruls, que fica Fazenda Água Limpa, no Núcleo Rural Vargem Bonita, e foi inaugurado em 2016.

32 Edson Nery da Fonseca (1921-2014). Pioneiro e fundador da Universidade de Brasília Foi

MM: Ele estava defendendo as coisas dele.

OS: O pessoal das Letras queria transformar o CEC em Instituto. Ele brigava, xingava fazia barulho mesmo na aula às vezes a irritação era diante de um besteiro muito grande, mas ele não tinha muita paciência com besteiro. Nos seminários, por exemplo, às vezes ele começava dizendo: “Olha, isso eu aprendi com Heidegger. Heidegger, quando começava o seminário, dizia: ‘Digam as bobagens que vierem na cabeça. Não fiquem inibidos. Não tenham medo de falar bobagem. Não, não tenham medo de falar bobagem: falem!’” Era uma ótima forma de se entrar na discussão e tinha paciência. Agora, ele podia ser explosivo também, não é, ele tinha um temperamento difícil. Dava bronca terrível nos instrutores. Mas era raro. As explosões que ele tinha eram mais nessas disputas que ele tinha em defesa do CEC, que sempre foi ameaçado, muitas vezes.

MM: Continuamente.

OS: O pessoal tinha aquela visão estreita, que ele chamava de beletrismo; achavam estranho um órgão que não estava ligado ao Instituto{de Letras}, que colaborava com diferentes institutos. Alguém com ciúme, do pessoal das Letras, por exemplo, gostaria que CEC fosse um departamento como outro qualquer dos departamentos de línguas e literatura clássicas. E isso era o oposto do que Eudoro pensava, exatamente o oposto: ele achava que isso não fazia sentido. Os gregos não são literatos, gente que faz literatura.

MM: E a própria noção do centro era interdisciplinar, tinha que ter autonomia porque ali não era lugar de graduação, de formar, de um curso de graduação.

OS: Na verdade ele queria formar pessoas que pensassem sobre as civilizações clássicas, a cultura clássica, civilizações mediterrâneas com a perspectiva histórico-antropológica. Costumava dizer a ele ficou, que ficou surpreso, que foi ele quem me empurrou para a antropologia, com sua visão que me fez pensar na Antropologia, essa preocupação com a multidimensionalidade das culturas. Ele tinha horror ao beletrismo e por isso era crítico das universidades portuguesas, e Coimbra em particular. Ele xingava muito Coimbra. Ele dizia que era uma má herança que a gente teve, a má herança coimbrã no Brasil, que bota essa coisa do beletrismo na frente. Eudoro estava muito à frente de todo mundo. E isso causava incômodo, estar à frente de sua geração causa ao povo que o cerca um certo incômodo e às vezes ele reagia assim...Eu preferia o Eudoro explosivo, era muito melhor do que triste como o vi no fim da vida. Ele explosivo era um belo espetáculo e muito interessante.

fundador de cursos de biblioteconomia de graduação e pós-graduação, sendo responsável pela implantação da Biblioteca Central, e do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), hoje Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

MM: E para quem não ouviu e viu Eudoro nos seminários, nas aulas ele tinha uma voz mais grave, como é que era? Como ele era como pessoa? A gente não o conhece.

OS: Ele era um barítono, tinha uma voz boa, bonita e muito incisiva. Ele era muito entusiástico. Ele falava de uma maneira muito expressiva. Ele estava sempre tratando de um tema que o entusiasmava. Então isso passava para o público.

MM: Ele falava com as mãos também..

OS: Por exemplo, o curso *Arqueologia do Egeu* ele enchia a sala. O pessoal não tinha ideia do que era aquilo. Mas ele falava com tanto, tinha um poder de comunicação que realmente era uma coisa rara. Ele se empolgava. E uma pessoa empolgada torna-se empolgante também. Atraía muita gente por isso. Os cursos, as conferências dele sempre enchiam. Ele era admirado e muito procurado por isso. Porque as aulas deles eram criativas, isso aí eu posso me dar um testemunho, você sentia que ele estava pensando naquele assunto, entendeu? Não era uma exposição pura e simples: ele punha pra si um problema e começava a refletir sobre aquilo. Então era uma aula criativa.

MM: Era Professor filósofo, não é?

OS: Era uma aula muito criativa. E aí se você se envolvia na aula você e punha problemas para ele, ele gostava desta problemática, entendeu?! Uma vez nós tivemos uma discussão sobre Gilgamesh. Eu estava muito concentrado na questão da tábua 12 do Gilgamesh, que mais tarde se confirmou que ela não pertencia originalmente à epopeia. E aí conversamos, eu falei nisso um dia de tarde, eu disse que me propunha a fazer uma leitura da minha tradução da tabula 12. Ele disse “Olha, isso tu não tens muito a dizer sobre isso porque ela é uma coisa tão complicada e tão fragmentária”. Eu respondi “Vou tirar os coelhos dessa cartola”. Ele me disse “Se você tirar uns coelhos eu atiro e mato coelho por coelho”. No fim da discussão ele parou e ficou pensando...Quando eu disse o que achava, ele ficou pensando. No dia seguinte, eu estava lendo na minha saleta, tranquilo, e ele entrou parecendo uma locomotiva dizendo: “Tens razão, diabo, tu tens razão. Tu estás certo. Foi uma bela ideia!” Mas parecia assim uma coisa que ele ia derrubar o mundo. Era muito o estilo de Eudoro.

MM: É bem interessante que....

OS: Ele refletiu, ficou pensando e aí me deu um susto, rapaz! A entrada dele assim, meu deu um susto, a convicção, o entusiasmo que ele teve com aquilo. A discussão também a propósito do *Horizonte e complementariedade* foi mui-

to divertida. A gente discutia muito durante esse seminário, mas ele lia o texto do *Horizonte e complementaridade* ... aí quando ele pegou para ler o prefácio do *Horizonte e complementariedade* pra gente no prefácio ele diz que filosofia e mitologia, há uma complementaridade entre as duas. Aí ele diz “Ah, diabo olha o que eu fiz!”. E aí eu dei risada do que aconteceu. O núcleo da discussão era essa. Eu disse “Olha você escreveu isso, você disse”. Mas quando ele terminou o livro, ele já tava com outra ideia, já não estava mais acreditando naquela coisa da complementariedade entre Mitologia e Filosofia. Ele já tinha dado um salto para frente, já tinha pensado mais adiante, não é? E eu dou tinha razão, foi um salto necessário. Mas o problema é que ele escreveu isso realmente, não é? Fazer o quê... Mas o livro é muito mais rico do que isso, claro! É um livro extraordinário, riquíssimo.

MM: É a tese para mim. É o doutorado dele...

OS: É a obra prima mesmo...

MM: Porque depois a gente pode observar como ele já não tem a estrutura do CEC, acho que uma das coisas que a gente tem que começar a pensar, é as pesquisas elas são feitas dentro de um contexto. Então Eudoro, ele tinha esse contexto do CEC e o *Horizonte e complementaridade* é a expressão máxima desse contexto que ele tinha com os diálogos, as trocas e a atualização bibliográfica. A partir do momento que ele perde isso, ele vai para o ensaio e a mitologia. Aí ele é um pensador, um escritor. Mas aquela questão de escrever dentro de um contexto, dentro de um sistema de trocas, de interlocutores tanto copresentes ali como também a bibliografia, no final com o fechamento do CEC, ele já não tem mais essas condições. Daí e ele se volta para o ensaio, porque o ensaio é ele com ele mesmo, já não tem esse auditório em potencial.

OS: É, ele faz muitos textos axiomáticos, aquela coisa rigorosa que em *Horizonte e Complementariedade* torna-se um prodígio de sutileza, profundidade e rigor também. Muito embasado. A discussão sobre Parmênides é brilhante, bem fundamentada.

MM: Ele está com a melhor bibliografia {à época}, ele tá dialogando com a melhor.

OS: E conservou a atualidade do estudo. Tem havido avanços extraordinários no estudo de Parmênides de lá para cá, bibliotecas inteiras se escreveram, mas o livro dele continua vivo, tem novidade ali dentro.

MM: É porque, eu acho que aquele momento que o Eudoro pega, eu acho que ele conversava com vocês também, as discussões e as mudanças da filologia,

que tinha um projeto utópico de uma ciência e depois é questionado, e daí o diálogo da filologia com fenomenologia, o existencialismo, com a antropologia, a abertura da questão, entendida não mais como uma ciência linguística mas uma reanálise desse elemento que não é puramente linguístico, que não é redutível à língua. Ou seja, a língua nos fala do mundo mas o mundo é muito maior que a língua. Então essa abertura que ele vai encontrar depois, que é a abertura que Europa está, a Europa naqueles anos 60 tá começando a sair da ilusão referencial da palavra. E daí esse impacto que ele tá tendo ali que depois você vai ter mais para frente ele tá entre isso. Então é bem interessante que ele está justamente nessa luta contra o positivismo linguístico, e a luta contra o positivismo linguístico é que abre esses novos horizontes de pesquisa nos Estudos Clássicos. Então por isso que ele continua atual. A atualidade dele vem pela problematização do método, das questões, ele problematizou justamente isso. É um filólogo problematizando a filologia. Então foi muito interessante, isso que gera essa atualidade dele - ele não deixou de ser efetivo em função dele ter problematizado. E ele falava com vocês, discutia e fazia uma crítica das correntes. Ele não só pegava um autor, ele não era simplesmente um parafraseador, de pegar uma frase de um autor. Ele ensinava vocês também a ler os pressupostos desses autores.

OS: Era um leitor muito agudo, profundo. Eu acho que esse foi o melhor período dele, o mais brilhante. Por isso eu digo que eu gostava do Eudoro explosivo, até o livro dele o *Horizonte e Complementariedade* é explosivo, dinamita muita coisa. Ele era um leitor constante de filosofia, ele era um pensador! Ele dizia isso para gente “ninguém consegue fazer filologia clássica sem se aprofundar na filosofia”. Do meu contato com Eudoro ele me passou o hábito de leitura filosófica. Foi ele quem botou nas minhas mãos Hegel, Nietzsche e Heidegger. Ele dizia: “É preciso ler”. Tive que ler a Fenomenologia Pura logo quando cheguei no CEC, sem entender aquilo³³. Ele me mandava ler e, mesmo sem entender. Eu lendo eu dizia “Eu não tô entendendo”. E ele dizia “Vai lendo, vai lendo, mesmo vai sem entender, que a certa altura você entende”. Ele parava às vezes para me explicar, falávamos os sobre assuntos e as coisas ficavam mais clara. E foi ele que me passou esse hábito de leitura filosófica. Até hoje eu não consigo passar mais de 15 dias sem uma leitura filosófica. Foi muito influência de Eudoro.

MM: E a relação dele com Heidegger?

OS: Ele era fascinado por Heidegger. Ele era absolutamente fascinado com

33 Título completo da obra de Husserl : “Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. Introdução geral à fenomenologia pura”, publicada em alemão em 1913, e conhecida também como “Ideias I”.

Heidegger. Eu acho que até que isso o atrapalhou um pouco, na minha opinião. Ele teria avançado mais se não tivesse ficado tão apegado a Heidegger.

MM: Em que Heidegger limitou Eudoro?

OS: Repare bem, ele limitou a originalidade de Eudoro, porque fez ele acreditar naquela coisa do fim da filosofia, que a filosofia acabou, que é um tese heideggeriana que eu considero falsa.

MM: O fim da metafísica...

OS: Há uma coisa destrutiva em Heidegger também. E não é por acaso que ele é o filósofo da *Destruktion*, do fim da metafísica, daquela coisa toda, a leitura que ele faz como sendo o último metafísico, aquela coisa toda, e Eudoro entrou nessa onda, e não gostava que o chamassem de filósofo e ficou apegado a essa dogmática heideggeriana. Eu acho que o tolheu um pouco. Mas também isso foi muito a influência do encontro dele aqui no Brasil com Vicente Ferreira da Silva e o grupo de São Paulo, Vicente era um grande amigo dele que era heideggeriano, bem apegado e agarrado a Heidegger. A leitura de Eudoro de Heidegger foi muito rica, muito interessante, as considerações sobre o *Das Ding* são muito interessante. Mas acho que ele podia ter ido além, esse fascínio em Heidegger atrapalhou um pouco... Mas também passou por minha idiosincrasia, eu também senti o fascínio por Heidegger e depois também senti uma certa repulsa a Heidegger. E talvez isso nos separasse um pouco. Mas, enfim, no livro *Horizonte e Complementariedade* ele está longe de Heidegger. E vai ele vai mais fundo.

MM: O problema em Heidegger e depois no heideggerianismo é confundir profundidade com a incompreensibilidade, ou seja, se você usa ou o texto....

OS: Umas coisas também muito toscas também, não é? Aquele mito da coincidência entre o pensamento alemão, a língua alemã e a língua grega. Isso é um mito que não faz sentido. É o prolongamento do fichtiano que no fundo é uma espécie de ressentimento. Já está em Fichte, porque na época em que Fichte escreve ele está muito ressentido com aquela coisa que se falava que era possível³⁴. Leibnitz só escreveu em latim, francês e quase não escreveu em Alemão, não se achava a língua alemã suficientemente culta. Fichte se ressentiu contra isso e começa a se posicionar de maneira contrária, pensar é pensar em alemão. É uma coisa que Heidegger coloca, e também as interpretações de textos pré-socráticos de Heidegger, por exemplo, são para mim muito ten-

34 Referência a Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), filósofo alemão que, entre coisas, defendeu o nacionalismo germânico frente à ocupação napoleônica.

denciosas... aquela coisa de ele acreditar que tem a intuição do sentido original das palavras gregas dos pré-socráticos, tem muita mistificação aí. Heidegger mistifica. Hannah Arendt, que foi namorada dele, uma vez escreveu um texto que o compara a uma raposa. Ele tem mesmo o estilo de uma raposa³⁵. Assim, ele é um gênio, um dos maiores filósofos do século 20, e até hoje é um dos maiores filósofos. Mas ele pode ser ofuscante e eu acho que a influência de Heidegger em Eudoro acabaram sendo limitadoras. Ele tinha muito mais a dar.

MM: Em quais questões que ele poderia ter adentrado mais e se aprofundado mais e que Eudoro com o fim do CEC e com o heideggerianismo dele, o ensaísmo dele, ele não foi mais adiante? Ele falava com você de projetos futuros, de projetos que ele pensava...ele falava para você de projetos de coisas que ele queria realizar e que ele não realizou?

OS: Falava muito pouco... Acho que no final ele tem uma certa desistência, há um tom de desistência nas últimas obras dele e que eu lamento. A leitura dele Heidegger, depois de um tempo, prejudicou o pensamento estético de Eudoro, ele começa a repetir Heidegger... Ele tinha mais a coisa a dar nesse campo da estética do que simplesmente fica repetindo Heidegger... Heidegger tinha fechado a porta da filosofia de uma vez por todas e foi uma coisa negativa para Eudoro...Acabou a filosofia agora vem outra coisa. Por um lado, isso teve um efeito favorável que faz ele pensar uma nova ideia de mitologia. E vai fazer uma proposta de pensamento que ele chamou "mitologias". Isso é interessante. Isso é o lado positivo da relação. Mas parou em Heidegger, eu não sei porque...Heidegger acho que é tão positivo e brilhante quanto venenoso. Mas isso é minha opinião minha não tem nada a ver...

MM: Mas eu acho uma interpretação sua não é uma interpretação qualquer. Então é importante pra gente, porque isso eu ouvi de algumas pessoas que liam e que leram o Eudoro... Porque há uma tendência de muitas pessoas que leram Eudoro a transformar isso em um pastiche heideggeriano. Ou seja, a maneira de escrever, e não só em reproduzir conteúdos, mas também a própria a expressão verbal. Um dos problemas de Heidegger é que ele entra num misticismo intelectual no qual a linguagem dele se torna especulatória e centrada em si mesma. Aí ele fala, fala, fala mas não diz nada... Então esse era um dos problemas...

OS: Já em *Horizonte e complementariedade* não tem isso, não tem isso. É um outro estilo, completamente novo.

35 História presente no *Denketabuch.1950 bis 1973* (Piper Verlag, 2002).

MM: Exatamente!

OS: É um texto que é muito pessoal, o estilo de Eudoro, não se parece com o Heidegger nem com ninguém. É dele mesmo

MM: Ele se vale muito do texto que ele analisa, o texto então ecoa e é reconstruído no texto dele e que dialoga muito com o texto. Essa distinção entre o intérprete e o texto original, muitas vezes desaparece. É muito interessante o que ele faz.

OS: Aí não tem nada de pastiche de Heidegger, nem de ninguém. *Horizonte e complementariedade* é uma perola, é coisa que se sustenta por si.

MM: Uma nova prima.

OS: É possível em outros ensaios dele... Ele tem um ensaio que eu fiz uma experiência, o ensaio “Variações sobre o tema do Ouro”, que é uma análise estrutural³⁶.

MM: É uma análise estrutural ..

OS: Dei para meus alunos de Antropologia {na UFba}, e todo mundo já dizia que era um belo estudo estruturalista e eu disse: “Pois é, a pessoa que escreveu não leu o Lévi-Strauss.”

MM: Ele foi ler Lévi-Strauss depois, ele cita e até critica...

OS: Pois é, naquela altura em que ele escreve “Variações sobre o tema do Ouro” ele não tinha um contato Lévi-Strauss e a Antropologia Estrutural. Ele simplesmente fez uma análise estrutural *avant la letre* genial interessante. Ele tinha essa acuidade extraordinária capaz de fazer antecipações muito incríveis.

MM: A gente percebe a relação dele com literatura, com filosofia, com artes visuais, com a arqueologia. E a música: você tem alguma lembrança dele com a música? Como era a relação dele com música?

OS: Eu sei que Eudoro adorava Wagner. Lembro das últimas visitas que fiz a ele, ele estava sempre ouvindo Wagner. Era um wagneriano tenaz... Wagner, os românticos, sobretudo Beethoven, que ele curti muito. E sim ele gostava dos

36 Publicado em separata pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Santa Catarina em 1955, depois foi incluído em *Dioniso em Creta e outros ensaios* (1973).

Beatles. Ele gostava muito dos Beatles.

MM: E cinema?

OS: O cinema, eu vi poucas vezes ele se interessar por cinema. Me lembro dele comentando aquele “Deus e o diabo na terra do sol”³⁷

MM: Ah, do Glauber Rocha.

OS: Me lembro dele falando de “2001, Uma Odisseia no Espaço”, mas pouco falava de cinema³⁸... Ah sim, “Zorba, o grego” e aquele também “Nunca aos Domingos”, com aquela atriz grega...³⁹ Ele era fascinado pela grega bonita que foi ministra da cultura esqueci o nome dela... Ele quase nunca falava em cinema. Música ele falava: era Bach, Beethoven, Wagner, que eram os prediletos dele. No CEC quem era mais ligado a música era Xavier - tinha uma cultura musical muito grande.

MM: O Xavier é uma figura que precisa ser estudada, não é? E você teve contato até familiar com o Xavier, não foi?

OS: Nós ficamos muito amigos e nos aproximamos muito. Depois ele se separou da mulher, Zélia, que se casou com meu irmão. E eu fiquei muito ligado a Zélia e os filhos dela, que até hoje têm uma ligação muito grande comigo, que eu vi pequenos. Ele depois que se separou, ele simplesmente foi embora para o Ceará com uma moça e foi viver por lá e abandonou praticamente os filhos... Não sei porquê. Eu curti os filhos dele muito mais do que ele.

MM: Ele foi para o Ceará, e ele foi dar aula em alguma Universidade?

OS: Ele esta ganhando lá na Universidade. E nessa altura ele tava muito mais voltado para os pensadores orientais, indus, essa coisa toda. Ele já não estava tão ligado ao mundo da filologia clássica.

MM: Quando que ele vai para o Ceará?

OS: Ele foi posto para fora universidade, na verdade.

MM: Então nessa época em que é posto para fora da Universidade ele larga a família e vai embora pro Ceará?

37 Filme de 1965, dirigido por Glauber Rocha.

38 Filme de 1968, dirigido por Stanley Kubrick.

39 Respectivamente: “Zorba, o Grego”, dirigido por Michael Cacoyannis e lançado em 1964; e “Nunca aos Domingos”, dirigido por Jules Dassin e lançado em 1960. A atriz é Melina Mercouri.

OS: Ele saiu do mesmo jeito que eu, a famosa expulsão branca assim como eu sofri. Eles simplesmente desligaram ele.

MM: Desligaram em 69?

OS: 69 por aí... desligam a pessoa, né, eles faziam muito isso, era da brutalidade do regime. Não era uma expulsão formal: simplesmente você deixava de existir, entendeu. Foi um truque que o capitão-de-mar-e-guerra, o interventor lá, usou muito, com muita gente. Desliga e acabou, não tem conversa. Depois eu acho que o Xavier conseguiu, houve uma reparação, ele foi readmitido, e desistiu de voltar para Brasília e decidiu ficar no Ceará mesmo. Mas ele teve a reparação depois do fim da ditadura mas não voltou.

MM: Ele ficou morando no Ceará?

OS: Morando no Ceará, casou-se de novo.

MM: Ele era professor da Universidade do Ceará?

OS: Sim, foi professor da Universidade Federal do Ceará. Morreu este ano, no fim do ano passado, aliás.

MM: E vocês daí nunca mais tiveram contato?

OS: Ele nunca mais. Ele cortou o contato com todo mundo até com os próprios filhos e cortou contato com todo mundo e foi ficando cada vez mais isolado em si mesmo. Mas é um homem brilhante, era um professor de Filosofia, aqui já na Bahia...Se formou aqui{Salvador} em filosofia e foi para lá {Brasília} e fez o mestrado com Eudoro sobre Diógenes de Apolônia. E era muito generoso, gentil, bonitão. A mulherada toda se impressionava com ele. Aparentemente tinha uma serenidade, que na verdade escondia algum tumulto né, pois de repente ele cortava tudo.

MM: E essa dissertação de Mestrado dele? Ela foi orientada por Eudoro e foi defendida aqui, será que a gente a encontra? Deve estar lá no CEC, né?

OS: Tá lá, eu acho inclusive, que eu saiba o único estudo que se fez aqui ou em português sobre Diógenes Apolônio. Eu cheguei no CEC ele já era mestre.

MM: Esses materiais eram publicados no caderno cultural do Correio da época, publicavam muitos textos do pessoal do CEC, há vários textos dele, do Xavier. Esses outros papéis só entrando em contato com a viúva dele, deve ter algu-

ma coisa lá na casa ou o pessoal daqui de Brasília, os amigos dele...

OS: A dissertação deve estar na Biblioteca da UnB. A dissertação de Fernando Bastos está lá e a do Gramacho. A do Xavier deve estar também.

MM: A do Gramacho eu vi, agora eu tô falando não da dissertação, mas de outros papéis... a família daqui guardou alguma coisa ou ele levou tudo?

OS: Não ficou com a família ou Zélia, não ficou com a mulher dele, isso não deixou. ou Eu teria visto, pois quando ele foi-se embora ele deixou os filhos pequenos, deixou a esposa sozinha com os filhos pequenos. Eu era muito chegado e próximo da Zélia e fui até ficar lá com ela e coisas ajudei com filhos e tudo acabou. Depois ela se casou com o meu irmão e seguimos muito próximos, até hoje. Os meninos me chamam de tio e tudo. De certa forma ajudei a criar e tudo e não sei de nada, não acho que ficou para eles... nada do pai.

MM: Ah tá, era uma coisa que a gente podia ver depois, né? Entrar em contato com a viúva e ver se...

OS: Talvez a outra mulher, a cearense, que eu tô esquecendo o nome, tenha alguma coisa dele. Eu não sei, não tenho ideia... Ele teve um filho lá também no Ceará. Eu acredito que a dissertação deve existir lá na biblioteca da UnB.

MM: Isso aí a gente vai produzir, esses materiais ...

OS: E merecia edição!

MM: Nós vamos editar.

OS: Ele era uma pessoa muito cuidadosa assim. Escreveu também um livro sobre Kierkegaard, aliás um prefácio de uma tradução de Kierkegaard, que eu acho que ele fez a tradução... e fez o prefácio, que é muito interessante, eu me lembro de ter lido, mas não tenho mais esse livro, infelizmente⁴⁰. Ele era um homem muito inteligente, sério, generoso, mas imprevisível.

MM: Eu vou agora para a parte final desse nosso encontro e já preparando para o próximo encontro, que vai ser o último nosso. Eu vou agora compartilhar o que eu encontrei aqui no Correio Braziliense⁴¹. É engraçado que a gente encontra várias coisas...Aqui temos uma página que foi publicada no dia 26 de abril

40 Trata-se da obra "Tratado do Desespero" (Brasília: Coordenada-Editora de Brasília, 1969), de Søren Kierkegaard (1813-1855).

41 Apêndice II.

de 1969, com textos do Silvio Elias e do Agostinho da Silva. E todos esses textos são protestos pelo fechamento do CEC. O Agostinho fala “do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Brasília, graças à competência científica capacidade filosófica dedicação do mestre Eudoro de Sousa, o mais completo filólogo que jamais escreveu em nossa língua, reuniu um grupo em que basta citar o latinista e medievalista João Ferreira, o filósofo e filólogo Xavier Carneiro, o historiador e pensador João Evangelista de Andrade Filho, o egiptólogo Emanuel de Araújo, o historiador das religiões Trindade Serra, o filólogo Suetônio Soares Valença, o poeta Jair Gramacho, infelizmente silencioso depois seu magnífico trabalho sobre os Hinos Homéricos, a musicóloga Maria Luiza Roque, a historiadora de arte Dinah Brognoli, e o latinista Antônio Telmo, todos com trabalho que não envergonharia qualquer centro de cultura clássica”. Muito bom, Agostinho não?

OS: Faltou falar nele, que foi o maior latinista que eu conheci pessoalmente. Ele era capaz de escrever muito bem latim quando ele queria.. Eu até lhe contei a brincadeira dele que escrevia naquele latim renascentista carregado e Eudoro dizia “eu me vingo com o grego”. Era a distração deles. Ele fez traduções maravilhosas de Virgílio, de Plauto, de Terêncio, que são exemplares, são fantásticas. Ele também foi coordenador do Centro de Estudos Clássicos por um breve período. Foi ele quem nos deu de presente Eudoro, ele que convenceu Darcy {Ribeiro} a chamar Eudoro {para Brasília}.

MM: Ele é fundamental. Então houve uma reação ao fechamento do CEC, uma reação pública. Daí eu encontrei a carta: a Universidade de Brasília teve que se explicar por que houve fechamento. Eu vou te mandar depois esse texto... É o texto não assinado onde eles argumentam que não houve a extinção, mas sim a integração do CEC ao Instituto Central de Ciências Humanas⁴².

OS: Isso foi encomendado pelo interventor, esse capitãozinho-de-mar- e-guerra, que era um homem do Cenimar, como lhe falei, que era o SNI da Marinha, que espionava seus próprios estudantes. Isso ele encomendou pra algum babaca lá do Instituto de Letras daqueles departamentalistas, e algum *ghost writer* fez a mando dele⁴³. Integração coisa nenhuma, uma coisa bárbara foi o que houve, e destruiu um Centro que deu fama à Universidade de Brasília. Integração coisa nenhuma, foi uma limitação a Eudoro, que foi deslocado para o Instituto de Ciências Humanas, assim como Emanuel. Houve a demissão sumária sem explicações, sem motivo de Xavier. Eu e Suetônio tivemos as matrículas cassadas arbitrariamente, não pudemos concluir os nossos mestrados. Tivemos a

42 Apêndice III.

43 Referência a José Carlos de Almeida Azevedo (1932-2010). Cenimar: Centro de Informações da Marinha.

bolsa cortada, eu tive que vir para Salvador, e foi uma violência, entre tantas que atingiram a Universidade de Brasília. Isso vem da bestialidade da ditadura e também no fato de que Eudoro de Sousa se aproximou, ele era amigo de Honestino Guimarães, que foi assassinado pela ditadura⁴⁴. Ele {Eudoro} assistia as reuniões da FEUB, gostava de ver a barulhada dos estudantes, foi denunciado por um energúmeno, eu me esqueço agora o nome do sujeito; era um professor falso, um professor espião colocado lá no IH, que implicou com Eudoro. Eu conto isso até no prefácio do meu livro “Hino Homérico a Deméter”⁴⁵; eu conto esse episódio, desse espião, inclusive os estudantes expulsaram esse camarada, foram no apartamento dele na colina e jogaram tudo pela janela afora, porque descobriram que ele era espião. E na caderneta dele, inclusive saiu um artigo no *Correio Braziliense*, falando dessa história da expulsão desse camarada pelos estudantes, e na caderneta dele tava escrito “denunciar o coordenador Eudoro”⁴⁶.

MM: Olha só...

OS: Foi isso que levou Eudoro ser detido e a responder um IPM⁴⁷.

MM: Eudoro foi detido?

OS: Foi detido e foi levado para prestar depoimento, fichado, e respondeu ao IPM.

MM: É impressionante: ele que saiu da ditadura de Portugal e caiu na ditadura aqui também, não é?

OS: E acabou caindo nessa ditadura completamente imbecil também, essa porcaria que está aí de volta. Nós estamos sob uma ditadura militar assassina ...

MM: ...novamente..

OS: ...estúpida e assassina ditadura, como poucas, como poucas. Enfim. Então teve isso: Eudoro foi chamado, teve que ir lá no BGP para responder inquérito

44 Líder estudantil, Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília (FEUB), nascido em 1947 e assassinado em 1973.

45 “Hino homérico II – a Deméter”(Editora Odysseus,2009).

46 Caso do professor Ricardo Ramon Blanco. Para o manifesto dos professores sobre o caso, narrando todo o acontecimento, além de outras declarações, v. *Correio Braziliense* 20/09/1968. Para declaração dos estudantes e outros dados sobre crimes do referido professor, v. *Correio Braziliense* 27/09/1968.

47 Inquérito policial militar. Primeira etapa do processo de investigação e acusação durante a ditadura militar.

várias vezes.

MM: Impressionante!

OS: Sofreu esse inquérito. Não chegou a ter nenhuma punição, mas foi e respondeu. Emanuel foi preso, e Xavier foi demitido arbitrariamente.

MM: E por que que ele foi preso?

OS: Todos Desligados arbitrariamente também...Então foi uma bomba e destruiu o CEC. Emanuel ele era marxista, ele era militante contra a ditadura. A UnB tava cheia de Espiões, cheio de gente assim. Vou te contar uma coisa, pouca gente sabe: eu dava aula de grego, nessa altura, e inclusive no Instituto de Ciências Humanas eu tinha alunos. E um deles era um senhor de idade de uns 60 anos por aí. Eu sempre muito franco, muito livre, quando falava qualquer coisa no campo da política, e dizia mesmo o que eu pensava. E um dia no fim da aula e ele me chamou e disse “Olha, professor, eu gosto muito de você, e o senhor não deve falar essas coisas, senão vai ser preso.” Ele me poupou porque, uma questão de simpatia. Mas provavelmente estava lá também nessa missão. Eu esqueci o nome do canalha... chamava-se Ramon Blanco, esse patife, que foi colocado lá como professor. Ele escreveu até um livro de louvores, acho que a Castelo Branco, uma coisa dessas, uma besteira dessas. E ele tinha uma raiva de Eudoro muito grande, um ciúme intelectual, porque ele dava aulas lá e ninguém prestava atenção nas aulas dele, e as aulas de Eudoro eram fascinantes, todo mundo curtia as aulas de Eudoro. Então ele denuncia Eudoro, como subversivo. E Eudoro não tinha nada a ver com essa coisa. O fato de eu ser denunciado do ponto de vista deles, tudo bem, eu era subversivo, e sou mesmo, do fato de eu querer derrubar essa porcaria, claro. Nunca me liguei a partido ou nenhuma facção, mas tava sim em todos os protestos. Até hoje e um dos momentos gratificantes da minha memória é a passeata de que eu participei tacando fogo literalmente nos palanques preparados para celebrar a gloriosa no dia 31 de Março. E não aconteceu, porque a gente foi para rua e quebrou tudo...Nós tacamos fogo nos palanques mesmo com a repressão toda. Então tudo bem, mas Eudoro não tinha nada a ver com isso: ele simplesmente simpatizava com os alunos e era um professor simpático aos alunos, não gostava que eles fossem presos. Ele era amigo da família de Honestino e do próprio Honestino, que ia lá na casa dele. Então isso era um crime, essa mentalidade que tá aí matando gente até hoje em dia. Ele sofreu essa repressão. Isso foi uma bomba, e destruiu realmente o Centro de Estudos Clássicos. E esse texto {Apêndice 3} é de algum idiota a serviço do reitor.

MM: Engraçado que não assina, o cara é tão covarde que não a assina.

OS: Gente covarde gente, sem vergonha. E o Correio Braziliense também publica isso de má vontade. A gente sabe que eles não concordam, ficou todo mundo chateado com o fim do CEC, que era uma tradição de Brasília.

MM: Isso, da universidade, da cidade, não é?

OS: Era um lugar procurado na cidade, um certo orgulho da cidade com o CEC.

MM: Se a gente pensa em termos efetivos, a coisa começa em 1962 e acaba em 1969, são sete anos?

OS: Sete anos, sete anos brilhantes. Coisa boa ali, muita coisa boa. E foi um crime com a geração que veio depois, porque se tivesse continuado nós teríamos construído uma coisa bem mais sólida.

MM: Porque daí vocês iam ser incorporados, depois fazer o mestrado e doutorado, iam dar continuidade a isso.

OS: João Ferreira me disse que Eudoro queria que eu fosse o próximo coordenador do CEC.

MM: Olha só, você não teria saído daqui... Estávamos fazendo mestrado lá. Já havia doutorado ou não?

OS: Não tinha doutorado nessa área. Havia o plano de chegar ao doutorado. Naquela época não havia praticamente doutorado nessa área aqui no Brasil. Os cursos de doutorado começaram meio tardiamente por aqui nas universidades novas.

MM: Então tinha que fazer fora de Brasília e voltar.

OS: Fazer fora de Brasília e voltar. Mas ele tinha essa intenção. Ele queria a continuidade do CEC. E ele achava que eu deveria ser o novo Coordenador, o seu substituto, o que não aconteceu.

MM: Então é essa história, a gente vai continuar

OS: João Ferreira sabe melhor dessas coisas no final

MM: Então Ordep, nós vamos conversar e retomar esse final a interrupção do CEC no próximo encontro, falar da diáspora. Vamos falar daí dos caminhos depois e fechar essa nossa trilogia aqui fazendo uma reflexão sobre esse projeto vencedor, porque ele produziu vencedores. Se fosse algum que não tivesse produzido coisas boas as pessoas não estariam comentando até hoje. Aí ele

vai continuar sendo comentado e ele foi recuperado na década de 90, depois quando o Emanuel volta para cá junto com a esposa dele eles abrem o NEC - Núcleo de Estudos Clássicos, do agora eu sou o atual coordenador.

OS: Maravilha!

MM: Depois vem o Gabriele com o Archai e continuamos a vencer os calhordas!

OS: Mas foi isso, foi o capitão-de-mar-e-guerra lá não me lembro e acho que eu não quero me lembrar do nome desse fdp e os espões – a universidade era coalhada de espões. Esse Ramon Blanco foi o sujeito que jogou Eudoro no IPM. E isso foi descoberto. Veja, você pode encontrar no Correio Braziliense as notícias sobre a expulsão do Ramon Blanco, feita pelos alunos, os alunos descobriram que ele era espão e foram pra Colina e invadiram o apartamento dele, pegaram todos os móveis e jogaram janela abaixo, e ele teve que sair. E isso foi documentado, houve uma reportagem, inclusive uma caderneta que os alunos acharam tava lá escrito “denunciar o coordenador Eudoro”.

MM: Vc vê a importância do CEC, porque eles não iam se importar com qualquer um.

OS: Pois é. Inclusive houve uma reunião, uma assembleia de estudantes e que a gente participou, Eudoro estava presente. Era protesto contra o fechamento do CEC. A FEUB organizou. Foi uma coisa que feriu os estudantes, a universidade se incomodou. Não foi assim uma coisa tão simples .

MM: Não foi um ato administrativo.

OS: Foi um ato de destruição perpetrado pela ditadura, com absoluta violência.

MM: Por um lado você pensa: por que eu vou me importar com os Clássicos, que só se importam com o passado? E aí vem um ato da Ditadura que é calar um centro de pesquisa multidisciplinar, que colocava as pessoas para pensar e que tinham liberdade de pesquisa.

OS: Claro: era um lugar que se formava gente para pensar, gente culta, que é a pior coisa para qualquer ditadura - pessoas capazes de refletir, com independência de pensar e produzir... Você não vê agora? A mesma coisa, o ataque constante contra as Universidades, aos centros de pesquisa.

MM: É impressionante , a história volta.

OS: A estupidez militar, eu acho a estupidez ditatorial tá aí presente no Brasil, esse

lado podre do Brasil, agora veio à tona de novo, e que é incompatível com a inteligência. A inteligência é um problema pra eles. CEC precisava acabar, claro...

MM: Eu vou lhe mandar essa matéria do Jornal, que é não assinada, para a gente começar o próximo encontro, a partir dessa matéria...

OS: Tá certo, tá bom

MM: E daí a gente vai agora para a diáspora e para as considerações finais e fecha essa nossa trilogia. Eu me emociono revendo a sua história e te ouvindo. Isso só confirma as minhas opções...

Referências

FERRAZ, Ana. *Caminhar, Encontrar e Celebrar: o riso e arte bufa no projeto pedagógico de Carlos Roberto Petrovich*. Dissertação, UFBa, 2006.

CASTELLO BRANCO, Carlos. Panorama do teatro brasileiro em 1968. *Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades*, n. 6, p. 529-537, 2016.

BORGES, Bruno. *Eudoro de Sousa e sua biblioteca : dispersão e fragmentos de um pensamento*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Letras, UnB, 2015.

ECO, Umberto. *Como se faz um tese*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020.

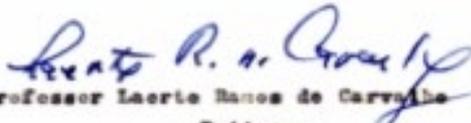
ATO DA REITORIA Nº 128/67

O Reitor da Universidade de Brasília, usando das atribuições estatutárias,

RESOLVE:

Designar como responsável pelo equipamento do observatório astronômico da Universidade de Brasília o Senhor Professor HUBERT DE SOUSA, com poderes para requisitar junto à administração todo o material necessário dentro das verbas especificadas para tal fim e praticar os atos necessários para o perfeito funcionamento do referido observatório.

Brasília, 27 de fevereiro de 1967


Professor Laerte Ramos de Carvalho
- Reitor -

rdn/sun.

Apêndice I. Nomeação de Eudoro de Sousa como responsável pelo Observatório Astronômico da Universidade de Brasília

Apêndice 2. Texto de Agostinho da Silva sobre a Extinção do CEC

Notícias de Grécia e Roma⁴⁸

Seria talvez interessante que a Universidade de Brasília apresentasse publicamente as razões que a levaram a extinguir o seu Centro de Estudos Clássicos, fundado há sete anos; parecendo tal ação inteiramente dispensável sob o ponto de vista jurídico e inútil no plano de economia orçamental, justificam provavelmente a importante decisão motivos culturais de amplitude geral, cujo conhecimento e discurso seriam extremamente úteis pelo que se refere à posição de nosso País quanto aos estudos clássicos, já que supomos, pelo exemplo da Inglaterra, da Alemanha, da América do Norte, ou mesmo da Itália ou da França, que o desenvolvimento tecnológico não é incompatível com este domínio da ciência; dir-se-ia até que pelo contrário, já que as preocupações humanísticas da justificação começam a aparecer no primeiro plano da meditação e ação de seus educadores mais eminentes.

A questão é tanto mais importante quanto, a nosso conhecimento, era o Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Brasília o mais bem aparelhado de todos para realizar a tarefa que há tanto se espera no mundo de língua portuguesa, a de dotar suas várias unidades dos instrumentos de trabalho indispensáveis a um primeiro estágio de erudição, de constituir uma boa coleção de clássicos gregos e latinos em tradução vernácula; e, sobretudo, de determinar qual a nossa posição e pensamento diretivo em comparação com os outros países em que tais estudos florescem, visto que nossas características de diferenciação cultural nos levariam a tratar os temas clássicos de um modo possivelmente distinto daquele por que os consideram os universitários europeus ou americanos.

Haveria em primeiro lugar a por no devido relevo o que se refere à biblioteca do Centro agora extinto, com suas magníficas coleções de escritores gregos e latinos, ou melhor, de escritores em grego e em latim, já que se encontram nela representados autores da Idade Média, por exemplo pela “Patrologia” de Migne, e autores do Renascimento, por exemplo pelas obras completas de Erasmo; com as valiosíssimas edições do que de melhor se fez em filologia

48 Texto de Agostinho da Silva, publicado no Correio Brasiliense, 26 de abril de 1969.

clássica a partir do século XIX, com especial representação dos eruditos alemães que afinal lançaram todos os fundamentos deste capítulo do saber; com o completo corpo de dicionários, gramáticas e comentários; com o excelente acervo de obras de história, de arqueologia, de economia, de ciência, de arquitetura, de música, de paleografia, de epigrafia, de artes plásticas, com, finalmente, o melhor serviço de revistas que tem qualquer das nossas Universidades e que está perfeitamente a par do que de mais completo pode oferecer uma Universidade estrangeira considerada modelar.

Se essa biblioteca for dispersa pelas várias seções da Biblioteca Central da Universidade, perder-se-á por completo qualquer possibilidade de trabalho erudito, visto que ninguém pode avançar em filologia clássica se não encontra reunidos no mesmo local todos os elementos de que a cada instante precise; por outro lado, tende-se cada vez mais nos melhores meios universitários ao chamado “estudo de áreas”, com Centros ou Institutos que abrigam toda a documentação necessária, e é fora de dúvida que o que se refere a Grécia e Roma constitui por si só uma importantíssima área, em que cada elemento de composição é incompreensível se não for constantemente relacionado com outros elementos cruciais. Cremos, porém, que a biblioteca será mantida como um conjunto, do que resultarão uma situação estranha e uma pergunta que se assemelha justa; consiste a situação estranha e uma pergunta que se assemelha justa: consiste a situação estranha em que, estando a Biblioteca Central da Universidade organizada por assuntos – História, Literatura, Filosofia, Matemática, etc. – haverá subitamente a reunião num mesmo local de todas essas classes, apenas com a explicação de que se trata de Grécia e Roma, podendo talvez querer saber-se nessa altura por que se não segue o mesmo critério quanto a Escandinávia ou a nossa América Latina; consiste a pergunta em se interrogar cada um sobre que utilidade houve em transferir de um ponto para outro, salvo por qualquer conveniência interna, digamos até doméstica, um acervo que se mantém conjunto; por outras palavras: se a biblioteca se mantém unida, introduz-se na Central um elemento de desordem; se se dispersa, não só se extingue o Centro como se extingue igualmente, o que parece demais, a filologia clássica.

Acontece também que, como é sabido de todos que trabalham numa Universidade e é intuitivo para os que nelas não trabalham, grande parte do trabalho científico se faz em regime de equipe; no que se refere à filologia clássica é falível o trabalho do filólogo que não pode comparar com o do arqueólogo, o do historiador da filosofia que não confrontou as suas opiniões com as do historiador da matemática, o do sociólogo que não privou com o economista. Ora, o Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Brasília, graças à competência científica, à capacidade filosófica e à dedicação de Mestre Eudoro de Sousa, o mais completo filólogo que jamais escreveu em nossa língua, reunira um grupo em que basta citar o latinista e medievalista João Ferreira, o filósofo e filólogo Xavier Carneiro, o historiador e pensador João Evangelista de

Andrade Filho, o egiptólogo Emanuel de Araújo, o historiador das religiões Trindade Serra, o filólogo Suetônio Soares Valença, o poeta Jair Gramacho, infelizmente silencioso depois de seu magnífico trabalho sobre os Hinos de Homero, a musicóloga Maria Luisa Roque, a historiadora de arte Dinah Brognoli, o latinista Antônio Telmo, todos com trabalho que não envergonharia qualquer centro de cultura clássica. E aqui, naturalmente, surge o mesmo problema que se põe com a biblioteca: ou todos esses eruditos se dispersam pelos vários Institutos da Universidade e não há mais possibilidade alguma de filologia clássica ou se conservam reunidos para que possam trabalhar, e aqui se pergunta de novo para que a extinção do Centro, tanto mais não há na Universidade instituto algum em que caibam ao mesmo tempo os filólogos e os arqueólogos, os filósofos e os matemáticos, os paleógrafos e os historiadores da arte.

Parece, portanto, dada a importância da questão levantada e dado ainda que não pode o País deixar de tomar qualquer resolução imediata quanto aos seus estudos de filologia clássica, sob pena de nos vermos classificados como em nível de grave subdesenvolvimento cultural, que seria útil qualquer palavra de esclarecimento da parte da Universidade, o que vale dizer da parte da Administração, que nos informaria sobre os aspectos jurídicos e econômicos do assunto, e da parte dos componentes do Centro ou dos Institutos interessados, que nos diriam dos argumentos culturais favoráveis ou contrário à extinção.

Apêndice 3. Carta de explicação sobre a Extinção do CEC

A integração dos Estudos Clássicos na Universidade de Brasília⁴⁹

A propósito da extinção do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Brasília, posta em relevo através de dois trabalhos publicados no último número deste “Caderno Cultural”, devemos esclarecer que, em verdade, não foi de modo algum excluído o ensino das línguas e das literaturas da Antiguidade, até então afetas àquele órgão, por isso que se verificou tão-somente a respectiva incorporação ao sistema das unidades estruturais da citada instituição de instrução superior da Capital da República.

Esta conclusão está a impor-se necessariamente em face dos esclarecimentos que foram prestados a nossa redação pela Reitoria da Universidade de Brasília, os quais justificam a extinção do Centro de Estudos Clássicos, fazendo-o com respaldo nos seguintes princípios fundamentais.

49 Matéria publicada no Correio Brasiliense, 3 de maio de 1969.

Dentro da orientação da UnB, firmada em seu estatuto original, domina a matéria o princípio geral de que “a Universidade promoverá a integração do ensino com a pesquisa e, nos diferentes serviços, utilizará plenamente os seus recursos, sem duplicar meios para fins idênticos ou equivalentes”, norma que, aliás, foi repetida no art.4º do diploma estatutário em vigor e pela nova legislação sobre a organização das universidades brasileiras (Reforma Universitária), consubstanciada no Decreto-Lei nº 53, de 18 de dezembro de 1966, no Decreto-Lei nº 252, de 28 de fevereiro de 1967, e na Lei nº 5540, de 28 de novembro de 1968.

Nessas condições, o Centro de Estudos Clássicos não poderia de modo algum subsistir, visto como se tratava de um órgão que não fora incluído na nova estrutura administrativa da UnB e a sua área de ação coincidia com as áreas de atuação de várias unidades, notadamente do Instituto Central de Ciências Humanas e do Instituto Central de Letras, encarregados do ensino e pesquisa da Antiguidade Clássica e da Língua e Literatura Greco-latinas, bem como a Biblioteca Central. A entender-se de outro modo, a Universidade de Brasília estaria a manter um órgão estranho à sua estrutura e a duplicar meios para fins idênticos ou equivalentes, ferindo frontalmente uma norma estatutária e legal.

Daí a razão de ser do Ato nº 298/69, de 29 de março de 1969, através do qual o Professor Caio Benjamin Dias, Magnífico Reitor da Universidade de Brasília, houve por bem constituir uma Comissão presidida pelo Professor José Carlos de Almeida Azevedo, Vice-Reitor e, composta pelos Professores Eudoro de Souza, Coordenador do Centro de Estudos Clássicos, Oneyr Baranda, Coordenador do Instituto Central de Letras, Oswaldo Collatino de Góes, Coordenador do Instituto Central de Ciências Humanas, Helton Volpini, Coordenador da Biblioteca Central e Glaura Vasques de Miranda, da Assessoria de Planejamento, incumbida de estudar a melhor forma de incorporar o Centro de Estudos Clássicos às unidades universitárias que tem existência estatutária e legal, visando o melhor entrosamento universitário e um rendimento maior.

Em consequência, os membros da citada Comissão, através do relatório apresentado em 15 de abril de 1969, resolveram, por unanimidade de votos, sugerir que os Professores do Centro de Estudos Clássicos, encarregados de lecionar Língua e Literatura Grega e Latina, seriam lotados no Departamento de Estudos Clássicos do Instituto Central de Letras, enquanto que os Professores das disciplinas Cultura e Tradição Clássica seriam incorporados no Departamento de História do Instituto Central de Ciências Humanas, portanto, sem interrupção de suas atividades e sem solução de continuidade no processo de ensino e pesquisa que vinham realizando naquele órgão que foi objeto de extinção. É que a existência autônoma do Centro de Estudos Clássicos estava fraturando a estrutura da Universidade de Brasília, visto como respectivo funcionamento retirava atribuições orgânicas do Departamento de Estudos Clássicos do Instituto Central de Letras e do Departamento de História do Instituto Central de Ciências Humanas.

Por outro lado, a transferência da biblioteca do Centro de Estudos Clássicos

para a Biblioteca Central foi sugerida pelas mesmas razões que informam o princípio da constituição de unidades universitárias. Todavia, como se trata, realmente, de uma coleção clássica de inestimável valor artístico e cultural, a Comissão não permitiu que ela fosse desmembrada e distribuída por outras seções da Biblioteca Central. Com efeito, atendendo as recomendações do Magnífico Reitor da Universidade de Brasília, a citada coleção será mantida nos moldes atuais, em uma sala especial no prédio da Biblioteca Central, com a manutenção dos mesmos funcionários e com a vantagem de poder servir a um número maior de alunos e mestres, devido a maior amplitude dos horários de consulta. Destarte, todas as pessoas interessadas em estudos clássicos poderão continuar a contar com o fichário e com o acervo da biblioteca especializada e com a assistência do Professor Eudoro de Sousa e de seus auxiliares no Instituto Central de Ciências Humanas e no Instituto Central de Letras.

Por conseguinte, posto haja sido extinto o Centro de Estudos Clássicos, o que se verificou, realmente, foi a integração das respectivas disciplinas nas unidades estruturais da Universidade de Brasília, criada pela legislação em vigor. Em consequência, a filologia clássica, a arqueologia, a paleografia, a filosofia e a história da arte serão, agora, incluídos nos respectivos departamentos existentes no Instituto Central de Ciências Humanas e no Instituto Central de Letras, cujos professores e alunos poderão continuar trabalhando em equipe, haja vista a colocação da respectiva biblioteca em um setor distinto e adequado, o que vem dispensar a existência de um órgão estranho à estrutura da Universidade.

Portanto, a integração administrativa do antigo Centro de Estudos Clássicos nos departamentos dos institutos criados por força de lei, importando na incorporação das respectivas disciplinas no “currículo” da Universidade de Brasília, longe de criar um clima para a formação de um espírito tecnocrático, veio, pelo contrário, conjugar o humanismo e a tecnologia, o ensino das técnicas de nossa era contemporânea e o culto das línguas e das literaturas da antiguidade.